

# BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XXII

Nº. 4

Abril de 1981

## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau  
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio  
Casa Flamingo Ltda.  
Casa de Móveis Rossmark S. A.  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau  
Consulado Alemão - Blumenau  
Distribuidora Clatarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Imobiliária «D L» Ltda.  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXII

Abril de 1981

nº 4

## SUMÁRIO

	Página
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU . . . . .	93
EXCURSÃO CULTURAL A TRENTO — ITÁLIA — IV . . . . .	99
“DEUTSCHER TURNVEREIN ZU JOINVILLE” . . . . .	101
○ PRIMEIRO TORNEIO MUNDIAL DE SKAT . . . . .	105
VALE DO ITAJAÍ É TEMA DE TESE DE DOCUMENTOS . . . . .	108
“VOLKSHOCHSCHULE” DE FULDA (ALEMANHA) . . . . .	111
PROFESSOR JOÃO MCSIMANN . . . . .	113
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU . . . . .	114
ACONTECEU — Março de 1981 . . . . .	121
III — VALATA AZAMBUJA: . . . . .	126
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU . . . . .	125

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 200,00

Número avulso Cr\$ 20,00 -- Atrasado Cr\$ 30,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 200,00 mais o porte Cr\$ 150,00 total Cr\$ 350,00

Alameda Duque de Caxias, 61 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

**CAPA** — Na edição deste mês, nossa homenagem a duas figuras que muitos bons serviços prestaram à comunidade blumenauense durante os longos anos que aqui viveram: Irmã Aluisianis e o médico Oswaldo Hoess, ambos falecidos e de saudosa memória. Eis porque, no preito de saudade, ambos ornamentam nossa capa.

# Subsídios à Crônica de Blumenau

Por FREDERICO KILIAN

(Extratos do jornal "Der Urwaldsbote" — 2º semestre de 1907)

2.7.1907 — INDÚSTRIA DO MATE: — A firma Otero Gomez & Cia., de Porto Alegre, que no ano passado obteve concessão do governo do Estado para a exploração da colheita da erva-mate das terras devolutas nos municípios serranos, começou a usar esta concessão também em Pouso Redondo, onde se estabeleceu com uma turma de cerca de 100 trabalhadores "castelhanos", vindos da fronteira do Uruguai. A mesma firma também firmou contratos com particulares, donos de matos com pés de erva-mate e espera colher milhares de arrobas (15 kg) desta erva. Oxalá — escreve o jornal — que o governo cuide para que não sejam dizimados os pés de erva-mate, pois com sua completa erradicação não terá o governo o lucro desejado.

— o —

EUGRES: — Na sessão da Câmara Municipal de 20 de junho de 1907, o Superintendente pediu a autorização para pagar a quantia de Rs. 1:500\$000, como auxílio à turma encarregada pelo governo para afugentar os indígenas, o que foi aprovado.

— o —

ESTRADA DE FERRO SANTA CATARINA: — Sexta-feira, 5 de julho de 1907, o Dr. Goes, encarregado da Supervisão da construção da Estrada de Ferro, despediu-se, numa reunião de amigos, realizada no Hotel Holetz, de seus colaboradores e amigos de Blumenau, tendo comparecido as autoridades locais, engenheiros e funcionários da Estrada de Ferro e amigos do engenheiro. Em seu discurso de despedida disse o Sr. Dr. Goes, que durante os meses que teve a felicidade de estar em Blumenau, teve oportunidade de melhor conhecer a sua gente, o que lhe servirá muito quando vier assumir o cargo de Diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina. Agradeceu a acolhida que teve e afirmou que a construção da Estrada de Ferro estava garantida. Disse que o alemão (referindo-se às empresas financiadoras da Alemanha), demora em tomar uma decisão definitiva, porém, tomada esta, a execução se segue de imediato e sem vacilação. Em nome do Superintendente falou o deputado Pedro Christiano Feddersen, expressando sua satisfação por saber que todos os impecilhos estavam vencidos e que Blumenau terá em breve a tão desejada e necessária estrada de ferro. Para o cargo de engenheiro-chefe foi nomeado o Sr. Múzika, que nos próximos dias embarcaria na Alemanha para o Brasil.

— 98 —

# Excursão Cultural a Trento - Itália - IV

P. Victor Vicenzi

Não poderíamos deixar de apresentar, rapidamente, a configuração geográfica, econômica e social da Província de Trento, de onde emigraram os colonizadores italianos do Vale do Itajai.

A Província de Trento está realmente situada numa esplêndida configuração alpinista, ao norte da Itália, com uma superfície de 6.212 Km<sup>2</sup> e uma população de 432.000 habitantes.

Sua altitude varia entre 70 m até as culminâncias de 3.342 m. Possui 223 municípios (comuni) e duas cidades populares: Trento com cem mil e Roveretto com trinta mil habitantes. Em Roveretto existe o maior sino do mundo, com 23 toneladas de peso, fundido com a contribuição de todas as nações beligerantes da Primeira Grande Guerra Mundial de 1914. Todas as noites, às 20 h toca 100 badaladas em homenagem aos caídos da guerra. É proibido ficar perto na hora que toca, devido a violência das vibrações.

O monumento aos caídos da Primeira Guerra Mundial, é verdadeiramente uma obra ciclópica, construído numa colina dos arredores de Roveretto.

Politicamente a Província de Trento, no âmbito da República Italiana, foram, juntamente com Bolsano, a Região Trentino Alto-Ádige, uma Província Autônoma, que goza de condições administrativas, políticas e culturais independentes no conjunto da República, com governo próprio.

Neste território regional, convivem três grupos étnicos: o italiano, o alemão e o ladino. Em Trento só é falado o italiano, ao passo que em Bolsano se fala o italiano, o alemão e o ladino. Essa Província, portanto, tem três idiomas oficiais.

A economia trentina baseia-se principalmente na vitivinicultura especializada. Seus diversos tipos de vinhos são muito preciosos e excelentes. A fruticultura qualificada é outro ramo importante. Vê-se imensas áreas de macieiras, pêssegos, ameixas, castanhas e oliveiras. Nos Alpes existe uma reserva incalculável de pinheirais, de onde se extrai a madeira.

A indústria está concentrada particularmente no Val d'Ádige e Valsugana. É, outrossim, muito florescente o artesanato em todo o trentino.

A espetacular conformação do turismo pelos Alpes, a beleza dos "Domites", dos 300 lagos de águas cristalinas, dos prados, cascatas, casas típicas envelhecidas, o clima, os "paeselli", o ar embalsamado pela presença das coníferas e outras maravilhas naturais, fa-

zem do trentino uma espécie de microcosmo, facilmente percorrido em todas as direções, graças a uma excelente rede de estradas asfaltadas. Não há lugar montanhoso, por difícil acesso que pareça, sem que haja uma estrada. Trento, está suficientemente preparada para receber os turistas do mundo, que vão para contemplar as maravilhas da natureza alpina.

A obra do homem aí se apresenta incomparável, quando se pensa que inúmeros túneis perfuram as montanhas para chegar aos mais altos panoramas alpinistas. Difícil entender como os poderes públicos tenham conseguido alcançar objetivos tão formidáveis.

Não somente Trento, mas toda a Itália, está preparada para alojar milhões de turistas. A prova disso é que cerca de 50 milhões de pessoas, vindas de todos os quadrantes da terra percorrem anualmente as lindas regiões trentinas e italianas, berços da civilização ocidental.

---

## Valiosa Coleção de Fotos Históricas de Blumenau

Em meados de janeiro, o prefeito Renato de Mello Vianna recebeu do presidente da FATMA — Fundação de Amparo à Tecnologia e ao Meio Ambiente, Eduardo Santos Lins uma coleção de 150 fotografias, desenhos e litografias que retratam aspectos da fundação e do desenvolvimento de Blumenau no período de 1850 a 1930. Segundo o chefe do Executivo, “trata-se de um patrimônio histórico-cultural de inestimável valor que mostra interessantes e desconhecidas facetas do nosso passado”.

O álbum apresenta, em suas primeiras páginas, fotos da família e da esposa do Dr. Hermann Blumenau, bem como retratos da época de sua juventude. Mais adiante encontram-se fotografias dos principais colaboradores do fundador da cidade, no período de colônia, como o seu sócio Fernando Hackradt, o naturalista Fritz Mueller, Emílio Odebrecht, o pastor Oswaldo Hesse e outros, além de várias vistas da cidade em diferentes estágios de crescimento.

Esta coleção pertencia a senhora Stela Vieira da Rosa Fernandes, filha do general Vieira da Rosa e, posteriormente, passou para o Departamento de Estatística e Geografia do Estado de Santa Catarina, órgão hoje englobado pela FATMA. O prefeito Renato Vianna, depois de esclarecer que este material será devidamente preservado nos órgãos municipais, informou, por outro lado, que a Secretaria da Fazenda do Estado, através do assessor econômico, Francisco Cyrillo Correia, comprometeu-se a doar a Prefeitura de Blumenau uma série de documentos, principalmente códigos e leis dos primeiros períodos da colonização, que atualmente se encontram naquela pasta, em Florianópolis.

# “Deutscher Turnverein zu Joinville”

ELLY HERKENHOFF

No dia 16 de novembro de 1858, há 120 anos portanto, surgiu a atual Sociedade Ginástica de Joinville.

Já havia aqui, na então colônia Dona Francisca, várias agremiações: “Kulturverein” (Sociedade de Cultura), “Schuetzenverein zu Joinville” (Sociedade de Atiradores de Joinville) e “Gesangverein Helvetia” (Sociedade de Canto Helvécia), havia a associação assistencial “Zur Bruederschaft” (A Fraternidade) e a “Harmonie-Gesellschaft” (Sociedade Harmonia), cuja finalidade era proporcionar bons espetáculos de teatro amador aos seus associados, assim como havia a Loja Maçônica “Deutsche Freundschaft” (Amizade Alemã) — a primeira na então província de Santa Catarina — e em dezembro daquele mesmo ano de 1858 ainda se concretizaria a fundação oficial da “Saeengerbund” (Liga de Cantores), o segundo coral a se organizar na Comunidade.

E se a existência de todas essas sociedades culturais e assistenciais na modesta, modestíssima colônia Dona Francisca, com os seus sete anos de vida e seus dois mil e poucos habitantes, surpreende pelo ineditismo de suas características, a fundação de uma sociedade de ginástica em Joinville, a fundação da primeira sociedade de ginástica na América do Sul e uma das primeiras no mundo extra-europeu, assume proporções de extrema relevância no contexto, não apenas da História de Joinville, mas da própria História Cultural do Brasil.

A arte da ginástica nos veios transmitida desde a Antiguidade. Sabiam os antigos da suma importância dos exercícios na formação da juventude. Conheciam a sua influência sobre a harmonia, física e mental, do homem. Segundo Platão, no Egito se praticava ginástica em grupos, nas cerimônias religiosas e festividades diversas. Só a Grécia, porém, incluía a ginástica em seus programas de educação dos jovens, enquanto vários povos — romanos, germanos e outros — adotavam os exercícios no adestramento de seus soldados, durante o período anterior à descoberta da pólvora. Depois dessa descoberta, que revolucionaria todas as táticas de guerra antes empregadas, segue-se um longo período de abandono, de esquecimento quase total da ginástica no Ocidente, até que, séculos mais tarde, vão surgindo novos precursores da tão antiga arte. São médicos, pedagogos, filósofos, aqui e ali — na França, na Inglaterra, na Itália, na Suíça. E a Alemanha é a primeira a introduzir a ginástica em seus programas de educação nas escolas primárias, depois da publicação do livro “Gymnastik für die Jugend” (Ginástica para a Juventude), do professor de ginástica Guthsmuths, imediatamente traduzido para várias línguas, obtendo assim enorme repercussão em toda a Europa. Aos poucos, a arte da ginástica vai se divulgando a partir do século 19 princi-

palmente — coincidindo com uma fase das mais agitadas da História. A Prússia, derrotada pelos exércitos invasores de Napoleão, encontra em Friedrich Ludwig Jahn, o chamado "Turnvater" (Pai da Ginástica) um de seus mais valorosos colaboradores. No intuito de scerger o povo alemão, reerguer a sua força moral, a sua resistência física, o seu espirito patriótico, Friedrich Ludwig Jahn inaugura, na primavera de 1810, o primeiro campo de ginástica no "Hasenheide" (Prado das Lebres), em Berlim, franqueado ao público. A mocidade aflui, entusiasmada, outros campos de exercícios são abertos em várias cidades e deflagradas, enfim as "Guerras de Libertação", a mocidade acorre, pega em armas, para a derrota final de Napoleão — enquanto os campos de ginástica ficam temporariamente desertos.

Mas as contingências daquela fase de pós-guerra não se mostram favoráveis ao "Pai da Ginástica", de atitudes um tanto rudes e reacionárias e, por isso, acusado de demagogia. Preso Friedrich Jahn, os estabelecimentos de ginástica são fechados em todo o território da Prússia, no ano de 1819 para reabrirem somente em 1842 quando a ginástica experimenta uma nova inédita expansão em toda a Europa. Formam-se as primeiras sociedades de ginástica e enquanto na Inglaterra se dá preferência a várias novas modalidades de esporte, no Continente os ânimos se exaltam em defesa da ameaçada linha de ginástica tradicional de Jahn e seus seguidores, contra os "reformistas", entre os quais o "ultramoderno" ginasta alemão Rothstein, defensor intransigente da ginástica sueca, o qual, na função de diretor do Estabelecimento Central de Ginástica, criado em 1851 em Berlim, usa de todos os meios para exterminar a ginástica de linha alemã, condenando violenta e publicamente os seus dois principais aparelhos, as paralelas e a barra fixa. Está declarada "Querela da Ginástica, entre tradicionalistas e reformistas — ou entre "alemães" e "suecos".

E ainda se lutava, acirradamente, "em defesa da barra e das paralelas", quando aqui, no longínquo Brasil, se fundava uma colônia chamada Dona Francisca, quando para aqui vieram, entre os imigrantes, vários adeptos entusiastas da ginástica alemã, seguida pela grande maioria dos ginastas alemães.

Assim é que, a 16 de novembro de 1858, um grupo de cidadãos aqui se reúne, com o propósito de fundar uma sociedade de ginástica. E é interessante notar a coincidência: aqui em Joinville se fundou a primeira sociedade de ginástica da América do Sul e foi a Escola Militar de Ginástica de Joinville, nas proximidades de Paris, a primeira a introduzir a ginástica na França, por ordem do Ministério da Guerra daquele país, no início do século 19.

Os nomes dos fundadores da nossa Sociedade Ginástica são os seguintes: — L. H. Schultz, B. Busse, J. Herz, Julius Mewers, Heinrich Lepper, N. Schulz, Samuel Heusi, Heinrich Grahl e G. A. Mensing. E o nome escolhido, como não podia deixar de ser, é "Deutscher Turnverein zu Joinville", nome este geralmente traduzido por "Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville", mas que, de acordo com o sen-



tido emprestado à denominação pelos nossos pioneiros, deveria antes ser: "Sociedade de Ginástica Alemã de Joinville", uma vez que todos os fundadores eram adeptos da linha alemã, defensores intransigentes da barra fixa e das paralelas.

Nos primeiros tempos os exercícios se realizavam num terreno situado na esquina das atuais ruas Dona Francisca e Princesa Isabel, conhecido como "Leppers Weide" (Pasto do Lepper), de propriedade de Heinrich Lepper, o primeiro presidente da Sociedade para uma área cedida pelo Dr. Ottokar Doerffel, na qualidade de diretor da Colônia Dona Francisca, área esta mais tarde bastante ampliada com a aquisição de um lote vizinho.

Decerto que não foram fáceis os primeiros anos de existência do modesto grupo. Mas já em 1865, segundo notícia publicada no "Kolonie Zeitung" (Jornal da Colônia) de 11 de março daquele ano, o número de sócios era de 42, sendo 14 ativos e 28 passivos. A Sociedade possuía então três barras fixas, três paralelas, um trampolim, um cavalete para trapézio, um cabo e um mastro para trepar. Os exercícios, geralmente realizados duas vezes por semana, à noite, muitas vezes eram interrompidos, devido ao mau tempo. Segundo a mesma notícia, o instrutor da Sociedade, Otto Eugen Müller, estava ministrando aulas de ginástica para meninos, desde outubro de 1864, com bom aproveitamento por parte dos alunos.

E, ainda segundo a mesma notícia do "Kolonie Zeitung", na ocasião estavam sendo engariadas contribuições voluntárias para a aquisição de uma bandeira para a Sociedade, já tendo sido arrecadados 60 mil réis. De onde se conclui ter sido a contribuição ponto de honra para cada um — talvez até mesmo para cidadãos joinvillenses não-sócios da "Turnverein".

E, já em 15 de setembro de 1866, uma nota publicada no "Kolonie-Zeitung" nos dá conta de que um estandarte, com riquíssimo bordado, confeccionado pela firma J. H. Histel, de Leipzig, ao preço de 100 táleres, havia chegado pelo último barco de imigrantes.

A 18 de novembro, quando se comemora o oitavo aniversário da Sociedade, realiza-se a consagração da bandeira. O "Kolonie-Zeitung" de 24 de novembro daquele ano de 1866 assim se expressa:

"Às três horas da tarde, os ginastas desfilaram pelas ruas acompanhados pelo coral "Sangerbund" (Liga de Cantores) e ao som da banda de música e o rufar de tambores, dirigindo-se ao pátio da Sociedade, profusamente ornamentado com bandeirolas e palmeiras, e onde numeroso público já os aguardava. A canção a quatro vozes "Sei gegruesset" (Salve), abriu as solenidades, havendo em seguida apresentação de numeros de ginástica. Depois, o novo estandarte foi trazido para o meio do pátio, onde os ginastas se achavam enfileirados, sendo então entregue ao porta-bandeira..."

E, conforme o relato do "Kolonie-Zeitung", enquanto a bandeira ia se desfaldando, o dr. Ottokar Doerffel discursava, lembrando aos presentes a importância do momento e dizendo, a certa altura:

“Sagremos, pois, esta bandeira — nós, os atuais membros da “Deutscher Turnverein zu Joinville”, sagremo-la para nós e para todos os futuros membros da Sociedade, reconhecendo-a, em juramento solene como nosso distintivo, como símbolo sagrado do pendão espiritual de nossa Sociedade e recebendo-a, no firme propósito de zelar e cuidar fielmente pela sua integridade...”

Com efeito, aquele estandarte festiva e orgulhosamente sagrado pelos nossos pioneiros, seria o símbolo de gerações inteiras de ginas-tas de Joinville. Em todas as grandes ocasiões, nas memoráveis “festas populares” da Sociedade, nas comemorações cívicas da comunidade joinvillense, nas manifestações patrióticas, nos muitos acontecimentos históricos da Cidade, do Estado, do País, nas homenagens prestadas a visitantes ilustres do Brasil e do Exterior, a bandeira da “Turnverein” marcaria presença, lado a lado com as riquíssimas bandeiras de outras sociedades, então aqui florescentes. (Continua no próximo número).

---

## CARTAS RECEBIDAS

---

— De Alfredo E. Cardoso — Rio do Sul — Gratos pela colaboração. Seu trabalho está sendo publicado na presente edição, conforme seu desejo.

\*

— De Adolfo Bernardo Schnaider. — Joinville. — Recebemos sua remessa. Até meados de maio tudo estará concluído e lhe enviaremos os tomos. Vamos aproveitar seu trabalho. Continue a colaborar e muito gratos.

\*

— De Walter Waeny — Santos - SP — Sua colaboração foi publicada no nº de fevereiro último, ou seja, o nº 2 de “Blumenau em Cadernos”. Se já o recebeu, confirme por carta. Continue colaborando.

\*

— De Siegfrie Carlos Wahle — São Paulo — Muito agradecidos pelas elogiosas referências a “Blumenau em Cadernos”. Também agradecemos a colaboração através dos dezesseis relatos, o primeiro dos quais estamos incluindo no presente número. Continue escrevendo.

# O primeiro Torneio Mundial de Skat realizado no Brasil, desenvolveu-se em Blumenau

José Gonçalves

Um acontecimento que pode ser considerado como histórico, é o que registrou-se nos primeiros dias de abril em Blumenau: a realização do primeiro torneio mundial de SKAT, um esporte que, após ter sido incentivado e oficializado no município de Blumenau há pouco mais de quatro anos, foi tomando vulto no país todo, com a fundação da Federação Catarinense de Skat e mais tarde da Confederação Brasileira de Skat, ambas sediadas em Blumenau, polo marcante da disseminação e incentivo deste nobre esporte. Aliás, é preciso que aqui se faça uma referência toda especial, em primeiro lugar, à disposição e entusiasmo com que o Prefeito Renato de Mello Vianna apoiou o incentivo ao referido jogo. Primeiro, com as providências no relacionamento de Blumenau com a cidade alemã de Altenburg, na DDR, quando se destacou o trabalho incansável de Alfredo Wilhelm, correspondente em língua alemã para o gabinete do Chefe do Executivo e que, como enviado especial da municipalidade, atendendo a convite do prefeito daquela cidade alemã, foi até lá e de lá trouxe não só o material necessário à perfeita orientação para a oficialização do jogo, como outros ensinamentos e o total apoio à iniciativa do Prefeito de Blumenau. Alfredo Wilhelm foi, assim, junto ao prefeito Renato Vianna, o iniciador dos entendimentos para esta concretização. Renato Vianna deu a condição necessária para a expansão da prática do Skat em Blumenau, quando encarregou o então Chefe do Serviço de Turismo da Prefeitura, Professor Francisco Canolla Teixeira, de organizar os torneios iniciais e arregimentar adeptos para futuras competições oficiais até a fundação da Federação e da Confederação. Ai então coube a Francisco Canolla o mérito de haver-se empenhado com redobrado entusiasmo, transformando os anseios do Chefe do Executivo em palpável realidade e como consequência deste trabalho auspicioso do então Chefe do Serviço de Turismo, o Skat na região foi crescendo, arregimentando mais adeptos com a realização de torneios, campeonatos, certames nacionais e que culminaram hoje com o Torneio Mundial do qual participaram sulamericanos e europeus. E com muita justiça, Francisco Canolla Teixeira ocupa, hoje, a presidência da Confederação Brasileira de Skat.

O torneio realizado em Blumenau nos dias 3, 4 e 5 de abril, foi concorridíssimo e, acima de tudo, um encontro internacional de confratamento. O Brasil, em especial Santa Catarina, venceu a maior parte dos jogos, obtendo os jogadores de Blumenau, da região e do Estado, as melhores classificações, inclusive no encontro especial entre brasileiros e argentinos. Para que o acontecimento fique marcado na história através deste registro em "Blumenau em Cadernos", vamos

fornecer a classificação individual dos jogadores com os respectivos pontos e ainda da disputa por equipes entre Brasil e Argentina. Eis, primeiramente, a competição geral:

Arno Taruhn — SC — 5808 pontos; Osni Hermann — SC — 5702; Walter Müller — SC — 5686; Bertholdo Buerger — SC — 5524; Edmund Zechner — SC — 5439; Marcos Knaesel — SC — 5430; Willy Schuldt — SC — 5335; Hadwig Will — SC — 5314; Ernst Lange — SC — 5302; Ornith Bollmann — SC — 5286; Erich A. C. Zager — SC — 5166; Hermann Muennich — Alemanha — 5159; Roland Wegner — SC — 5090; Carlito Sasse — SC — 5079; Alwin Schwanke — SC — 5052; Henrique Weiers — SC — 4978; Heinz Sievers — Alemanha — 4972; Oskar Hillmann — Alemanha — 4944; Eugênio Bücheler — Argentina — 4939; Arno Lieskow — SC — 4927; Selvio Kehl — RS — 4899; — Eugen Pawlowsky — SC — 4892; Oscar Zumach — SC — 4826; Ilschen L. H. Servos — SP — 4817; Ricardo Berndt — SC — 4805; Max Stein — SC — 4803; Vom Hoevel — Alemanha — 4778; Alexandre Milbratz — SC — 4775; Valmor Schlup — SC — 4762; Alfredo Boos — SC — 4722 e finalmente o último colocado: Johannes V. Stroebele — SP — 748 pontos.

#### TORNEIO POR EQUIPES — BRASIL vs. ARGENTINA

Brasil: Erwin Theilacker — SC — 2.443 pontos; Erich Krueger — SC — 2.196; Eugen Pawlowsky — SC — 2.020; Norberto Puff — SC — 1.983 e Rodolfo Anton — SC — 1.857. Total da equipe: 10.449.

Argentina: Waldemar Pawelski — 1781 pontos; Herbert Neergaard — 1727; Heinrich Martens — 1634; Juan Mescher — 1439 e Herbert Meylert — 1333 pontos. Total de pontos da equipe: 7.914.

Último colocado do Brasil: Marcos Hasse, com 259 pontos.

Último Colocado da Argentina: Juan Bangartz, com 504 pontos.

#### UM POUCO DE HISTÓRIA

Alfredo Wilhelm, o talentoso e dedicado correspondente alemão para o Gabinete do Executivo blumenauense, faz, a seguir, uma explanação histórica e informativa sobre o Skat. Ei-la:

#### S K A T

Por Alfredo Wilhelm

É o "jogo nacional de cartas" dos alemães. Qualquer que seja o país, e onde é encontrado o alemão ou seus descendentes, joga-se o Skat.

#### DE SUA HISTÓRIA

Este jogo, carteadado de diversão, com bilhões de possibilidades diferentes de jogar, foi inventado — ou melhor, desenvolvido pouco a pouco — na milenar cidade alemã de Altenburg por volta do ano de 1810 a 1817.

Originou-se do jogo de cartas espanhol o "l'Hombre" e "Solo", do jogo italiano "Tarock" e do antigo jogo alemão, o "Schafkopf", que quer dizer em português "cabeça de carneiro".

Deve-se o início da divulgação deste jogo aos estudantes, que o levaram de suas universidades a todas as regiões da Alemanha.

### **DO SEU NOME**

Como o Skat é jogado em três pessoas — com um baralho de 32 cartas — duas de suas cartas deverão ser postas de lado, com as figuras escondidas — denominadas simplesmente de Skat e dando assim a origem ao nome do jogo.

O nome é deduzido do italiano “scartare”, pôr de lado. Foi o próprio Richard Strauss, que com a sua opera “Intermezzo”, criou um monumento artístico permanente do “Skat”.

### **O “SKAT” EM BLUMENAU**

Chegou a Blumenau em 1850 com o próprio Dr. Hermann Blumenau e seus 17 imigrantes, e foi durante 72 dias uma das poucas distrações a bordo do veleiro “Christian Mathias Schroeder”.

Sendo quase que exclusivamente um esporte dos homens, é porém também praticado pelas mulheres — tendo como uma das suas mais afamadas representantes no dia de hoje, a senhora Annemarie Renger, Vice-Presidente do Parlamento Alemão com sede em Bonn. Segundo a estatística, cada 3ª pessoa na Alemanha sabe jogar o skat. Assim, mais de 1.9 milhões de alemães se reúnem regularmente nos clubes e no “Stammtisch” para praticar este jogo popular.

Tendo o jogo do Skat durante dezenas de anos se limitado aos estreitos círculos de familiares, de amigos e conhecidos, fundou-se em 1977, na cidade de Sprendlingen (Alemanha) a ISPA — Associação Internacional dos Jogadores de Skat.

Somente um ano após, em 1978, realizou-se em Anaheim, Los Angeles (USA), o primeiro Campeonato Mundial do Skat. Participaram jogadores de todas as partes do mundo e Blumenau também esteve presente, tendo enviado representantes.

Assim o Skat deixou de ser um simples jogo, tornando-se um meio de comunicação e um instrumento ideal de união entre os povos. Já no ano de 1980, na Austrália, realizou-se o 2º Campeonato Mundial do Skat.

**Banco do Estado de São Paulo SA**

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

## *Vale do Itajaí é tema de tese de doutoramento na Sorbonne*

O processo de desenvolvimento industrial e urbano nos 16 municípios da micro-região do Médio Vale do Itajaí é o tema da tese de doutoramento que o arquiteto Vilmar Vidor da Silva, vinculado à Assessoria de Planejamento da Prefeitura Municipal, defenderá este ano perante a Universidade de Paris I — Sorbonne, de acordo com um programa traçado pelo Instituto de Altos Estudos em Ciências Sociais daquela instituição de ensino.

Vilmar Vidor desenvolveu um trabalho de pesquisa de campo nos 16 municípios da AMMVI, através da distribuição de questionários entre empresas e órgãos públicos da região. Quando terminar seus estudos na França, ele voltará a prestar seus serviços à Prefeitura de Blumenau que está lhe custeando parte de seus estudos, juntamente com a FURB.

O trabalho começou a ser realizado no ano passado e se detém na análise das relações de interdependência entre a industrialização e a urbanização. A pesquisa sobre o tema inicia no período de colonização, passando por determinados acontecimentos marcantes, tanto a nível regional como nos níveis nacional e internacional que fundamentaram a realidade presente.

“A região”, explica Vilmar Vidor, “que começou a ser habitada na segunda metade do século XIX, época em que a Revolução Industrial já impunha uma nova tecnologia ao aparelho produtivo, passou por etapas bem definidas do ponto de vista histórico e político, como, por exemplo, as duas guerras mundiais, a quebra da Bolsa de Valores em 1929, as novas políticas econômicas do governo, restrições sobre importações e exportações etc., ocasionando fortes mudanças no sistema produtivo do Médio Vale do Itajaí, que, a indústria local, através da arrojada capacidade empresarial sempre existente, acabou por ter um desenvolvimento industrial inusitado”.

Ao marcante progresso do setor secundário — prossegue ele — alia-se o desenvolvimento do setor terciário, o crescimento demográfico e a expansão do tecido urbano que, juntos, assumem um caráter particular bastante expressivo, considerando-se o Estado de Santa Catarina, num primeiro plano, e o Brasil, noutro imediato, se estabelecermos interações na área regional, nacional e internacional.

### **Desequilíbrios Estruturais**

De acordo com a visão do estudioso, “a região do Médio Vale do Itajaí, diferenciada na sua composição física, demográfica e também no que diz respeito a sua estrutura industrial, conhece, hoje, o fenómeno da urbanização acelerada e, com isso, desequilíbrios estruturais cada vez mais sensíveis, seja a nível sócio-econômico, seja a nível de organização regional do espaço, referindo-se aqui, a espaço-tempo, espaço-produção, espaço-político, espaço-social, espaço-econômico e financeiro, espaço de relações e mesmo espaço-conquista.

"A partir deste tipo de reflexão", finaliza Vilmar Vidor da Silva, "vários problemas necessitam solução imediata trazendo, portanto, uma série de perguntas, como, por exemplo, todas as que estão relacionadas com o modo e as condições de vida da população. A proposta da nossa tese de doutoramento é a de analisar o comportamento industrial e a rede urbana, tomando o espaço nas suas diversas formas, suas causas e consequências para proporcionar um real conhecimento da região e a obtenção de subsídios técnicos para propostas futuras de desenvolvimento nas áreas físico-econômica e social".

---

## *Grupo Escoteiro Leões*

Alfredo Scottini

O Grupo Escoteiro Leões iniciou o ano com muito ânimo. A atual diretoria trabalhará por todo 1981. Compõe-se:

Presidente: Hans Martin Meyer; Vice-Presidente: Bartolomeu Hames; Dir. Administrativo: Alfredo Scottini; Dir. Adjunto: Wilson Fendrich; Dir. Florestal: Walter Weidlich; Dir. Patrimônio: Evaldo Volles; Dir. Tesoureiro: Albrecht Papst; Dir. Cantina: Esta Ern; Presidente do Conselho de Pais: Curt Max Lebrecht; Vice-Presidente do Conselho de Pais: Thomé Koerich.

A primeira grande atividade foi encabeçada diretamente pelo chefe de grupo Guilherme W. Weinzierl. O IV Jamboree Pan-Americano marcou profundamente todos os participantes. Realizou-se em Porto Alegre de 22 a 27 de janeiro do ano em curso. Os Leões estiveram presentes com 35, o Estado de SC com 198 e o total do acampamento passou dos 6.200.

A palavra jamboree deve soar de maneira estranha a muitos ouvidos. Conta-se que Baden Powell detestava usar termos triviais, como — reunião, encontro... Inventou jamboree e o explicou como — "uma alegre e animada reunião de jovens de chapéus de abas largas e largos sorrisos".

O primeiro jamboree do mundo teve lugar em Londres, em 1920. As reuniões se desenrolaram em possante construção de Olympia, arredores de Londres, e os escoteiros acamparam, em parte, no Old Deer Park, Richmond. Ao todo, cinco mil escoteiros armaram as barracas. Um riozinho resolveu inchar-se e inundou o parque todo. A população e autoridades socorreram os desabrigados. A partir de então escoteiro não teme enchente, nem em Blumenau!

Exceto pequenas diferenças, pouco mudou na essência. O espírito escoteiro continua a ser o mesmo. Foram muitos os esforços para que a maioria dos rapazes participasse da atividade. Uma das exigências era a de que os escoteiro tivesse a segunda classe e a chefia bons e sólidos treinamentos. Os preparativos foram longos e duros. A chefia armou dois acampamentos especiais e realizou diversas reuniões extras. A taxa de inscrição foi paga com boa antecedência

é os custos do ônibus foram cobertos, na quase totalidade, por uma verba substancial da Prefeitura Municipal.

Os participantes do jamboree vieram de todos os Estados do Brasil, de muitos países americanos, de alguns europeus e da Tunísia. A babel lingüística era unida pelo escotismo. O intercâmbio foi intenso e até alguns chilenos estiveram em casa de escoteiros blumenauenses passando uma semana. As atividades foram muitas e diversas, indo de jogos improvisados até reuniões e trocas filatélicas. O próximo jamboree será no Canadá em 1983.

---

## Falta lugar para a estátua de Basílio

A. Cardoso

Parece estar sendo difícil encontrar um lugar onde se possa colocar a estátua do homem que há 89 anos, dando início à atual Rio do Sul, enfrentou todos os perigos que o total isolamento na mata virgem oferecia.

O ideal seria que tal monumento ficasse na margem esquerda do Itajai do Sul, nas proximidades da confluência com o Itajai do Oeste, pois não somente a primeira moradia do balseiro lá ficava em 1892 mas também os principais fatos históricos iniciais no Alto Vale tiveram lugar no triângulo entre as pontes Kurt Hering e Waldemar Bornhausen, e a confluência dos formadores do Itajai-Açu.

Vejamos alguns deles: era paradeiro dos indígenas, que ali tinham seu local de danças cerimoniais; em 1856 foi descrito pela primeira vez pelo Capitão Pinto; foi local da primeira roça da ex-Suedarm (Braço do Sul) e da primeira pastagem para animais cargueiros; deu lugar ao primeiro cemitério; em 1893 tanto as tropas a favor de D. Pedro como aquelas a favor da República por ali passaram; neste triângulo também ficava a primeira casa comercial; foi atracadouro de balsa até 1930; aqui ficava a primeira escola, onde lecionou o professor Steinbach e a primeira biblioteca, que pertencia a Schoenichen; o primeiro culto religioso foi também aqui celebrado; a hospedaria para tropeiros ficava de início neste triângulo; foi ilha por algumas horas na enchente de 1911; o nome Bella Alliança surgiu da confluência, era a denominação do distrito de Blumenau, de 1912 até 1930; aqui se encontrava a primeira agência de correio do Alto Vale; foi ancoradouro para o barco a motor Riachuelo-Taió; a farmácia Brehmer também lá ficava; enormes balsas de toras por muitos anos eram para lá dirigidas; foi sede da primeira indústria madeireira importante do Alto Vale, e da possante máquina a vapor que forneceu a primeira luz elétrica para Rio do Sul.

Nossa cidade é pobre em jardins públicos e em algo que interesse ao turista. Assim seria até necessário que pelo menos parte desta área fosse adquirida para esta finalidade, já que ali nasceu Rio do Sul.



# «Volkshochschule» de Fulda (Alemanha) em visita a Blumenau

Por Alfredo Wilhelm

Após breve comunicação, por meio de carta, ao senhor prefeito Dr. Renato — pedindo o seu apoio por ocasião de sua programada visita a nossa Blumenau, que um grupo da «Volkshochschule» de Fulda (Escola Superior Popular — um instituto de educação para adultos da Alemanha Federal) faria em abril do corrente ano — chegaram no dia 15 de abril, às 8,30 da manhã, em ônibus especial, vinte membros do mencionado educandário, chefiados pelo professor Ingolf Ohnstein.

Após uma breve visita ao Mausoléu Dr. Blumenau, o grupo — acompanhado pelo intérprete Alfredo Wilhelm — percorreu as ruas do centro da cidade a pé, visitando diversos estabelecimentos comerciais e terminando o passeio no majestoso templo católico de linhas modernas, projetado pelo famoso professor Boehm, de Frankfurt.

Graças a iniciativa do senhor José Gonçalves, diretor da Fundação «Casa Dr. Blumenau», o grupo teve o prazer de saborear pela primeira vez, uma autêntica feijoada preparada ao meio-dia, no próprio local histórico da Fundação, no Horto Florestal «Edith Gaertner», à sombra das majestosas árvores plantadas ainda pelo próprio fundador de nossa cidade. Tomou parte da feijoada o próprio prefeito Dr. Renato, que num gesto bonito e amigável, cumprimentou todas as pessoas do grupo uma a uma. Ainda estavam presentes o Chefe de Relações públicas, sr. José Augusto Nóbrega, o Chefe de Turismo, sr. Adolf Ern Jr. e o Sr. Kentaro Hayashi, chefe do grupo de escoteiro.

Na parte da tarde, após percorrerem em ônibus os diferentes bairros da cidade, o grupo alemão de Fulda dirigiu-se ao distrito «Vila Itoupava» — parando de tempo em tempo, para fotografar vistas panorâmicas e principalmente as típicas casas de enxaimel. Com a gentil permissão do sr. Konradt, os visitantes conheceram as instalações da Harrar Konradt, terminando a visita a Vila Itoupava com uma deliciosa «caipirinha» oferecida pela «Monte-Verde».

À noite os visitantes foram recebidos no «Centro Cultural 25 de Julho», participando duma mesa-redonda e conferência a cargo do senhor Ideker. — Grande foi a surpresa e alegria com a chegada do sr. Wolfgang W. Schultheis e senhora da «System Schultheis Sulamericana Máquinas Textéis Ltda.», instalada na Rodovia Jorge Lacerda, Gaspar. O senhor Schultheis, conhecido pessoalmente por muitos dos visitantes, é da cidade alemã de Fulda, tendo há cerca de cinco anos emigrado de lá para o Brasil.

## É A VIDA QUE ESCREVE AS MELHORES HISTÓRIAS

Duas pessoas do grupo de Fulda são de «Tann» — pequena vila, cinco Km distante de Fulda. Foi esta vila que deu o nome «Von der

"Tann", ao vaso da marinha imperial alemã. Foi este encouraçado, o mais moderno daquela época, que ancorou em 25 de março de 1911 no porto de Itajaí. No mesmo dia, o comandante, oficiais e marinheiros, no montante de mais de 500 homens, visitaram Blumenau. Chegaram o comandante e os oficiais com a lancha de bordo e os marinheiros com os navios "Blumenau", "Progresso" e "Richard Paul". Tiveram festiva recepção. Alguns dos cidadãos blumenauenses mais idosos se lembram ainda deste acontecimento — entre estes o senhor Adolfo Sutter.

Um dos membros da tripulação do "Von der Tann" em visita a Blumenau foi o cadete Paul Speck, cuja filha Anneliese emigrou em 1949 com o marido para Blumenau, tornando-se então a mãe do hoje professor Pedro Paulo Hugo Wilhelm, mestre de economia da FURB.

Outro fato pitoresco desta visita foi a partida de futebol que a equipe do vaso de guerra alemão jogou com o "Clube Blumenauense de Futebol" — realizando assim o primeiro jogo internacional do Estado de Santa Catarina.

Todos estes dados e outros pesquisados no "Arquivo Histórico" da Fundação "Casa Dr. Blumenau" foram enviados ao Dr. Waldemar Thies, de Fulda. O Dr. Waldemar, um dos acompanhantes da caravana da "Volkshochschule" em visita a Blumenau, foi encarregado com o levantamento histórico do encouraçado da marinha imperial "Von der Tann".

---

## Curiosidades de uma época - I

"O DELEGADO DE HIGIENE" (Década dos 20s)

S.C. WAHLE

Durante a minha infância, tive a oportunidade de presenciar uma série de fatos, comentários e críticas que ficam gravados por toda uma vida.

Lembro-me, perfeitamente, em torno de 1928, quando, em determinada ocasião, meu pai levava o seu carro, em Ford 1927, à oficina de Max Hertel, mais tarde pertencente à Auto Viação Catarinense, à Rua São Paulo. De repente, acompanhando com olhar malicioso a um carro que passava, vira-se para meu pai e outros presentes exclamando enfaticamente:

— *Da fahrt der dumme Hund* — (Lá vai o idiota do cachorro).

Diante do pânico geral, explicou que a pessoa que guiava o carro era um médico, recentemente feito Delegado de Higiene e usava uma placa oficial da prefeitura, com as iniciais D. H. no carro oficial, para atender a sua clínica particular.

# Professor

## João Mosimann

Vitimado por um mal súbito, faleceu às 19,00 horas do dia 15 de fevereiro em Curitiba, o conhecido educador Professor João Mosimann.

Há pouco mais de dois meses, ou seja, dia 20 de novembro, o ilustre cidadão era agraciado pelo povo desta cidade com o título de Cidadão Blumenauense, através da Câmara de Vereadores, pelos relevantes serviços prestados à comunidade em geral.

O falecimento do Prof. João Mosimann surpreendeu ao seu vasto círculo de amigos e admiradores, pois sempre evidenciou, apesar de sua avançada idade, muita disposição física e espiritualmente.

Nascido em Brusque no dia 17 de fevereiro de 1902, João Mosimann concluiu, naquela cidade, os cursos Primários e Complementar, tendo após se transferido para Blumenau, no qual concluiu o Curso ginásial, no Colégio Franciscano Santo Antônio.

Em 1932, João Mosimann foi aprovado no Concurso para o Magistério Público em Santa Catarina. Mais tarde, diplomou-se no Curso de Didática.

Por Concurso Público de provas e títulos para as cadeiras de História Geral e História do Brasil, para a Escola Normal Pedro II de Blumenau, tornou-se Lente Catedrático.

Em suas atividades profissionais, Professor João Mosimann desempenhou funções Públicas primárias de Guabiruba, Norte Alta município de Brusque. Foi professor no curso primário do Colégio Bom Jesus, em Curitiba, de fevereiro de 1923 a dezembro de 1936. Professor na Escola de Agricultura e Comércio em Brusque, de 1º de fevereiro de 1937 até fins de julho de 1938. Lente de História na Escola Normal Pedro II e Colégio Sagrada Família (Curso Fundamental). Lente de Inglês, Geografia e História no Colégio Franciscano Sto. Antônio, de 1º de agosto de 1938 até dezembro de 1978, quando se desligou das atividades escolares, aposentando-se.

O professor João Mosimann coordenou, dirigiu e também participou da administração, durante dez anos, do Curso para Noivos Foi, durante muitos anos, instrutor dos candidatos ao ingresso em diversas Congregações Marianas e na Ordem Franciscana Secular.

Ao deixar sua cidade de 79 anos incompletos, o ilustre educador deixa, no coração de sua esposa dona Maria, seus quatro filhos e treze netos, a eterna saudade e, acima de tudo, o exemplo da mais sublime dignidade pessoal e das mais excelsas virtudes de que um homem pode ser dotado nesta terra.

# HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

## XII

O Dr. Blumenau chegou à colônia ao amanhecer. E nas mãos as duas roseiras. Estava ansioso por ver Hackradt, que tomava café num rancho, na companhia de um casal de pretos velhos. Eram as três almas que habitavam a colônia.

Hackradt, barbado e com roupas mal tratadas, era, em verdade, a imagem de um fracassado.

Depois de cumprimentá-lo, o Dr. Blumenau indagou:

— Hackradt! Onde estão os demais trabalhadores? Quando daqui sai, eram 9 ao todo e só vejo, agora, este casal de pretos velhos!

— Dr. Blumenau, dos nove trabalhadores, só sobrou este casal! Uns fugiram, outros foram embora para Itajaí, um levado por um vizinho e um outro morreu atingido por uma caneleira.

— Bem desagradável, Hackradt! Infelizmente, não consegui os 250 imigrantes alemães que se haviam comprometido comigo, o que te comuniquei por carta. Simplesmente, desistiram sem me darem maiores satisfações. Só mantiveram a palavra empenhada 16, que com um sobrinho meu, somam 17. Estes os colonos que deverão chegar até fins deste mês de agosto ou começo de setembro.

Hackradt esboçou um sorriso irônico, mas nada disse. Continuou calado, enquanto o Dr. Blumenau prosseguiu:

— E a serraria, já está pronta?

— Pronta está, mas, trabalhando, não, por falta de braços.

— Você me escreve, dizendo que ela esteve ameaçada de ser levada por uma enchente! Houve enchente na minha ausência?

— Não, apenas chuvas fortes, elevando o nível do rio. O bastante, porém, para ameaçar a serraria!

— Mas, então não a construíram no local combinado, Hackradt? Depois de examinar o local, o Dr. Blumenau ponderou:

— Não foi este o lugar escolhido à bairra do ribeirão, e, sim, ali naquela saliência e naquele platô, livres de enchentes.

— É fácil! Facilimo, dizer-se ali. Mas difícil de se fazer, quando não se tem braços para se atingir terreno elevado com material pesado, como soi ser o de uma serraria. Daí a escolha de outro local mais acessível. Lamento muito, Dr. Blumenau, mas foi o que se pôde fazer! Aliás, meu amigo, eu não continuo mais aqui de forma alguma. Eu não devia nem ter voltado para aqui. E muito menos ter assinado a-

quele contrato de constituição de uma firma, quando lá no Desterro. Mas, o sr. insistiu tanto que me convenceu. De modo que acabei voltando para este inferno!

— Sinto muito, Hackradt.

— Eu é que sinto ter de lhe dizer tudo isto e mais alguma coisa!

— Desabafe, Hackradt! Diga tudo o que tem para me dizer.

— Dr. Blumenau! Veja bem! Analise bem o seu comportamento vacilante. Eram 250 colonos que deveriam vir. Vêm apenas 17! E será que estes vêm mesmo?

— Hackradt, dou-lhe o direito ao desabafo, porém, não o de duvidar da minha palavra!

— Mas como, Dr. Blumenau, que o sr. não quer que eu duvide da sua palavra, se agora mesmo o sr. está demonstrando apenas incertezas e dúvidas? O Sr. ao invés de chegar com os seus colonos, que de 250 que deveriam ser, conforme me escreveu, ficaram reduzidos a 17, chega-me aqui com duas roseiras nas mãos. E ainda quer que eu acredite em suas promessas?

— Hackradt! Você é realmente a figura do derrotado! Barbado! Mal vestido! Relaxado! Deixou-se dominar, completamente, pelo desânimo. E quando se perde a fé, meu amigo, nada mais resta senão derrotismo, descrença e fracasso

— Quero que saiba e aprenda. Se houve fracasso este foi o seu. Nunca o meu! Não quero, de forma alguma, que continue comigo, com este estado de ânimo. Você poderá se retirar de nossa firma. Mas, terá de esperar até resolvermos certas pendências, o que espero se dê no mês que vem, ou em meados de outubro.

Estamos no fim de agosto. Os meus colonos virão ainda neste mês, ou o mais tardar em começo de setembro. Terei de assisti-los durante um mês, para as primeiras adaptações. Só depois é que poderei tratar da nossa dissolução contratual, quando ajustaremos as nossas contas.

Não quero, de forma alguma, brigar com você, meu amigo e companheiro das primeiras horas!

— Mas, Dr. Blumenau, eu sempre lhe disse que era apenas um mero comerciante.

— E não um colonizador! Não era isto, Hackradt, que você ia me dizer?

— Exatamente, Dr. Blumenau.

— Pois bem, meu amigo, eu sempre o quis como comerciante e vou lhe explicar porque!

— Não quer que eu segure as roseiras e as ponha em lugar seguro?

— Não, obrigado. Quero tê-las nas mãos porque ainda vou falar sobre elas. Vamos nos sentar, para podermos conversar mais à vontade.

— Hackradt, vou voltar ao passado, para poder melhor te mostrar a formação da minha personalidade.

O meu velho pai era engenheiro-mor das florestas ducais, no distrito de Helmstadt, em Mariental. E ali, na escola local, aprendi os

primeiros rudimentos para a minha formação, até os dez anos de idade.

Com o meu pai muito aprendi sobre a Natureza e o seu mundo vegetal, que era o seu trabalho profissional.

É assim, passei a minha infância entre árvores e flores!

Depois, fui para a casa do Pastor alemão, J. L. Gotting, onde preparei-me para o ginásio.

Foi o melhor tempo da minha juventude. Com ele aprendi toda beleza do incomensurável mundo espiritual. E me imbui da força do amor que tudo contrói.

Dedois, na universidade, formei-me em filosofia, que é o conjunto de concepções práticas e teóricas, acerca do ego e dos seres em geral, bem como sobre o papel do homem no universo em que vive.

Finalmente, a parte farmacêutica, sobre a qual pouco me interessei.

Resumindo, Hackradt: Com o meu pai, conheci o mundo material das plantas e as belezas extraordinárias da natureza. Que passei a amar com muita intensidade; e com o Pastor Gotting, toda a grandeza do mundo espiritual, onde adquiri esta fé inquebrantável em Deus.

E desta formação, Hackradt, nasceu o meu espírito idealista que tão bem se adapta ao de colonizador. Que requer uma dose muito grande de abnegação, sacrifício, tenacidade e perseverança!

Você deve ter notado, Hackradt, que devido a minha formação cultural, os números sempre me estiveram ausentes. Daí não saber tão bem manejá-los como sabem os comerciantes, face aos seus negócios e seus lucros.

Quando você me apareceu, como comerciante, unindo o útil ao agradável, fiz-lhe o meu convite. E o que, neste momento, estou justificando.

Hackradt a tudo ouviu calado e sensibilizado, e perguntou:

— Não vai plantar as suas roseiras, Dr. Blumenau?

— Não, Hackradt. As plantarei no dia em que os meus 17 colonos chegarem, juntamente com as várias mudas de árvores frutíferas e flores, que eles trarão. Eles se mostravam bastante animados e esperançosos quando ainda estávamos em Hamburgo.

— É incrível, Dr. Blumenau, o contraste que existe entre nós dois. Para mim, estas terras só me trouxeram até agora, dor e sofrimento. E deles nasceu o meu desânimo.

Dor, quando vi morrer debaixo da caneleira um pobre homem excelente trabalhador; e quando uma traiçoeira jararaca mordeu e matou o nosso cozinheiro.

Sufrimento, porque tudo aqui é agressivo: a mata, as feras, as cobras e os índios; desânimo, portanto, porque não acredito que com tantas adversidades, Dr. Blumenau, consigo fazer nasceu a sua colônia. E, confesso, como eu, o sr. também, mais tarde ou mais cedo, desistirá!

O Dr. Blumenau sorriu e disse-lhe, convicto:

— Não, Hackradt! Desistir é um verbo que não aprendi a conjugar. Neste chão, que tanto agrides, eu, no dia em que os meus colonos chegarem, com eles plantaremos flores e árvores frutíferas, para agradecer à natureza e a Deus, por ter nos dado esta terra dadivosa à qual transformaremos numa das mais extraordinárias colônias do Império Brasileiro.

Minhas roseiras, Hackradt, simbolizam a alegria e a dor! Porque as rosas servem para festejar os nossos dias de alegria e também de dor e sofrimento. Que o teu sentimento mercantilista, infelizmente, não compreende.

Se elas enfeitam os nossos lares e os nossos túmulos, não significa que devemos odiá-las porque têm duplo sentido: sorriso e lágrimas. Não, Hackradt, porque para os fortes, viver é sorrir e também chorar.

Lamento profundamente que o pessimismo tenha transformado a tua atitude inicial e te levado à desistência de continuar ao meu lado, como nas primeiras horas. Se não queres comigo plantar a roseira, para amanhã colhermos as suas rosas, e com elas festejar as nossas conquistas e sucessos, peço-te que não nos abandones de vez e voltes sempre aqui, para sentires ao menos, o perfume das rosas, porque a nossa amizade não terá apenas a efêmera vida das rosas, mas sim, a da roseira que, para cada rosa que morre terá sempre um novo botão a florir.

— Foi por isso, Hackradt, que o meu velho pai pediu-me que nunca deixasse esta roseira morrer. Porque ela simboliza a sua saúde. E hoje, meu bom amigo, ela tem mais um símbolo, que também nunca morrerá: a nossa amizade!

A gratidão, Hackradt, é a moeda com que nós, espiritualistas, pagamos as nossas dívidas morais!

Em outubro, Hackradt voltou à Colônia para rescindir o seu contrato. As plantas estavam verdes e viçosas. Era a resposta do solo que pagava, com o mesmo amor, o que dele fora pedido.

## VIII

Hackradt resolveu esperar pela chegada dos primeiros 17 colonos. Não queria que o Dr. Blumenau ficasse só, com o casal de pretos, velhos. E como até fins de agosto, os colonos ainda não tivessem chegado, Hackradt, numa balsa, tendo como remadores Ângelo e Silvério, dia 2 de setembro deixaram a Colônia e foram até Itajaí esperá-los. A sorte lhes foi favorável. Encontraram os colonos, que vinham num lanchão do Major Agostinho, em Belchior. Assim, com a respectiva bagagem, foram baldeados para a balsa, e à tardinha do mesmo dia, chegavam à Colônia. Foram recebidos pelo Dr. Blumenau, que os aguardava no alto da barranca do rio. Visivelmente emocionado e satisfeito, ele acenava para os recém vindos.

Foram todos provisoriamente alojados num barracão, às margens do ribeirão da Velha.

O Dr. Blumenau, ao apresentar o seu sobrinho Reinhold Gaertner a Hackradt, disse-lhe que era ele o substituto do amigo que, por motivos particulares, deixava a Colônia.

Na manhã seguinte, Hackradt se despediu. Ângelo ficou para ajudar o Dr. Blumenau, até que Reinhold se acostumassem.

Naquele dia, embora já na companhia dos seus colonos, o Dr. Blumenau estava triste, devido à partida de Hackradt. Ele já se afeiçoara ao seu amigo e sócio.

A primeira noite dos imigrantes na Colônia foi bastante fria. O inverno daquele ano fora muito rigoroso. E o céu limpo e claro anunciava geada tardia para o dia seguinte.

O Dr. Blumenau, conversando com Reinhold, lhe disse:

— Meu sobrinho, sinto que nem todos os colonos estão satisfeitos em instalações tão precárias, principalmente a senhora Friederich com as crianças, que estão estranhando tanta falta de conforto. Veja, as crianças não dormem e só choram! Leva mais cobertores para elas, Reinhold, quem sabe se melhor agasalhadas, elas conseguem dormir?

— Vou levar, tio. Mas, amanhã, com o sol bonito, elas estarão mais alegres.

— É, meu sobrinho, precisamos fazer funcionar a serraria o mais breve possível. Iniciar a construção de novas moradias para os colonos, embora provisoriamente, com troncos de palmeiras e cobertas com as suas folhas, até que tenhamos as tábuas para melhor construí-las.

Reinhold sentiu que o seu trabalho não seria fácil. Mas, tudo faria para ajudar o seu tio, tão sacrificado.

Ao completar o quinto dia da chegada dos seus colonos, o Dr. Blumenau lembrou-se que era o dia 7 de setembro, o dia maior do Império Brasileiro, comemorativo da sua Independência.

Acordou Reinhold bem cedo e combinou com ele fazerem uma festinha para comemorar aquele dia da Independência do Brasil.

— Reinhold, hoje é o dia em que o Brasil tornou-se independente de Portugal, em 1822. Eu estou sentindo que os colonos, nestes primeiros dias, não se estão adaptando como eu esperava. Vou, pois, aproveitar este dia para despertar-lhes o civismo, dizendo-lhes do nosso dever de estrangeiros e imigrantes para com o Brasil, que adotamos como a nossa segunda pátria, no dia máximo de sua História.

— Ótimo, tio! Excelente idéia!

— Não vou contar-lhes a História do Brasil. Apenas fazer-lhes algumas imagens sobre a data, e sobre o nosso dever de imigrantes para com o Império. Tenho comigo a bandeira do Império, que me foi dada por um grande e importante amigo, o Marquês de Abrantes, e um retrato do Imperador do Brasil, Dom Pedro II, de quem tenho a honra de ser amigo e profundo admirador.

— Muito bom Tio, para levantar a moral dos colonos, que, realmente, não está boa.



— Reinhold, vai acordar o Ângelo e chama-o aqui. A propósito, você e ele já estão se entendendo, por gestos e mímicas, não é?

— Estamos nos entendendo e bem, até.

Quando Ângelo chegou, ele mandou que os dois cortassem uma palmeira e a trouxessem até a frente do barracão.

Na ponta da palmeira, foi amarrado um pedaço de corda mais grossa e nela passada uma outra cordinha, de modo que pudesse ser hasteada a bandeira.

Quando tudo já estava pronto e todos reunidos defronte ao barracão, ao nascer do sol, o Dr. Blumenau conversou com Ângelo e disse-lhe que teria que falar em alemão aos colonos, já que ninguém sabia falar o português.

— Ângelo, você é que vai hastear a bandeira.

— Mas... eu?... Dou...tor!

— Sim, você Ângelo. Por dois motivos: o primeiro, porque és brasileiro, e o segundo, é que és o único amigo que sobrou da nossa primeira viagem e a testemunha da escolha deste local para a implantação da nossa Colônia, uma vez que Hackradt nos abandonou.

— Se é assim, aceito com muita honra e grande prazer.

— Ângelo, ao hasteamento, assistiremos em silêncio, em sinal do nosso respeito para com o Brasil e o seu Imperador. Depois então eu falarei em alemão sobre a data de hoje. Mais tarde, eu te direi o que falei aos colonos.

— Muito obrigado, Dr. Blumenau! Pode deixar que eu farei tudo direitinho. Posso lhe fazer um pedido, Dr?

— Faça, Ângelo!

— Depois, o Dr. não vai oferecer uma pingazinha pra esquentar o corpo?

O frio está de cortar!

— Claro, Ângelo, depois festejaremos!

Ainda não eram sete horas da manhã e já estavam todos defronte do barracão, Reinhold ao lado do mastro improvisado, mostrava o retrato do Imperador Dom Pedro II, para todos o verem e Ângelo, vagarosamente, hasteava a bandeira, olhando firme, para o alto do mastro!

O Dr. Blumenau pediu para que todos assistissem ao hasteamento de cabeça descoberta e em profundo silêncio, em respeito à data, ao Brasil e ao seu Imperador.

Terminada a cerimônia, o Dr. Blumenau disse pausadamente:

— Reuni os senhores aqui, nesta manhã ensolarada, para hastear a Bandeira ao Império Brasileiro e mostrar-lhes o retrato do seu Imperador, Dom Pedro II, para que todos vocês o fiquem conhecendo. Ele traz a sua assinatura, de seu próprio punho, o que fez na minha presença, e em reconhecimento ao que sua Majestade espera de mim em prol da colonização alemã no Brasil.

— Hoje, 7 de Setembro, é um dia todo especial para o Brasil, porque faz 38 anos da sua Independência, pois no dia de hoje, em

1822, o pai do nosso atual Imperador, Dom Pedro I, às margens do rio Ipiranga, em São Paulo, deu o grito de Independência ou Morte!

— Com essas palavras ele quis dizer que se Portugal reagisse, ele, à frente do povo brasileiro, lutaria até a morte, pela Independência do Brasil!

— Nós, alemães, e imigrantes que somos, temos deveres para com o Brasil, pois ao emigrarmos para cá, adotamos o Brasil como nossa segunda pátria. Por isso, devemos amá-lo e respeitá-lo, como hoje o fazemos, na sua maior data nacional, hasteando a sua bandeira e festejando o seu dia maior!

Isto porém não quer dizer que a nossa Colônia não seja uma “pequena Alemanha” dentro do Brasil, isto é, poderemos construir as nossas casas iguais as que construímos lá na Alemanha, vestir os nossos trajes típicos e usá-los permanentemente, bem como manter os nossos costumes e a religião de cada um, falar o nosso idioma, até que o governo nos forneça escolas para os nossos filhos. Eu, porém, semanalmente darei aulas a quem quiser aprender o português. E quem quiser se naturalizar brasileiro, poderá fazê-lo.

Os filhos de vocês que aqui nascerem, serão, automaticamente considerados brasileiros.

Uma coisa, porém, fica bem claro: enquanto eu tiver voz de comando nesta Colônia, a escravatura jamais será praticada. O nosso trabalho será feito por homens livres sem distinção de cor.

Vivemos num Império que é um verdadeiro continente, dada a sua extensão territorial. E com o trabalho honesto, muita fé e força de vontade, construiremos uma colônia que será, através dos tempos, um orgulho para nós e nossos descendentes. E este deve ser o nosso lema: fé, amor e perseverança!

E assim vou terminar esta minha palestra, que repetirei sempre nesta data, como um compromisso do Imigrante e meu dever de colonizar, para que todos os colonos que aqui chegarem mantenham sempre bem vivas as suas obrigações para com a sua nova pátria!

Quando o sol começou a se esconder por trás da floresta virgem, naquele dia festivo da Independência do Brasil, Ângelo Dias, cabeça descoberta diante de todos os colonos, novamente reunidos e do Dr. Blumenau, todos em profundo silêncio, descia, lentamente a bandeira do Império Brasileiro, ouvindo-se ao mesmo tempo um canto agudo e forte. Era a graúna que anunciava para toda a mata a chegada da noite, como o fazia ao raiar de cada dia.

Naquela noite, quando todos já dormiam, o Dr. Blumenau entrou no barracão. Quando se aproximou da cama de Ângelo, este jazia com as mãos pendentes da cama. E no chão de terra batida, a garrafa de pinga tombada e vazia. O Dr. Blumenau sorriu, apagou a lamparina e se deitou, contente do dia bonito que tivera.

(Continua no próximo número)

— DIA 6 — Um gesto tresloucado do jovem Sebastião da Silva, de 16 anos, surpreendeu a população cidadina neste dia, quando, saltando do último andar do edifício do Hotel Baviera, onde trabalhava, caiu sobre uma cobertura de calhas de eternite, furando-a e batendo no solo. Sebastião ainda foi levado com vida para o hospital, mas duas horas após faleceu devido a gravidade dos ferimentos.

\*

— DIA 7 — A imprensa alertou a população sobre o grande derrame de dólares falsos que era verificado no litoral catarinense, especialmente nos principais balneários.

\*

— DIA 7 — Tendo como local as dependências do Ginásio de Esportes "Sebastião Cruz", foi oficialmente instalado o Grupo de Escoteiros Cruzeiro do Sul, que conta na presidência com o vice-prefeito Ramiro Ruediger e que tem como principal objetivo abranger a todos os ramos do escotismo e preparar uma equipe até 1983 para participar do Jamboree a realizar-se no Canadá. O prefeito Renato Vianna e outras autoridades do município prestigiaram o acontecimento. O chefe do novo grupo de escoteiros é o engenheiro Kentaro Hayashi.

\*

— DIA 5 — Foi aberta a Exposição "Três Artistas Campinenses", na Galeria Municipal de Artes, com a participação dos artistas João Proteti, Glória Catiste e Tânia Vidigal.

\*

— DIA 10 — Foi localizado e retirado das águas o corpo do menor Paulo Roberto Amaro, de sete anos, morto por afogamento na tarde de segunda-feira no rio Itajaí, proximidades do bairro Capim Volta.

\*

— DIA 10 — Morreu eletrocutado o sr. Mário Peixer, de 47 anos, que residia no bairro Garcia. Estava consertando um motor elétrico. Era casado e pai de seis filhos.

\*

— DIA 10 — O Prefeito Renato Vianna sancionou a lei nº. . . . 2.646 que criou a Secretaria Municipal de Turismo de Blumenau.

\*

— DIA 11 — Com a presença de mais de duzentas pessoas, realizou-se, no recinto da Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller", a solenidade de lançamento da Antologia de Contos "Contistas de Blumenau-2", editado pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", em co-edição com a Livraria Lunardelli. Na mesma oportunidade, autografaram seus livros os autores Enéas Athanázio (Meu Chão), Editora do Escriitor, e José Roberto Rodrigues (Poliedro), da Fundação Catarinense de Cultura.

— DIA 13 — Chegou a Blumenau, para uma visita, o embaixador da República Federal da Alemanha, sr. Franz Joachin Schoeller, e qual concedeu entrevista à imprensa, visitou o sr. Prefeito Municipal e com ele almoçou no Restaurante Frohsinn.

\*

— DIA 14 — O Clube de Caça e Tiro Fortaleza festejou condignamente com diversas solenidades e um grande baile, a passagem dos setenta anos de fundação daquela vitoriosa agremiação tradicional do bairro de Fortaleza Alta.

\*

— DIA 15 — O Governador Jorge Konder Bornhausen inaugurou oficialmente o último trecho da rodovia SC 413/474, ligando Blumenau a Guaramirim, através de Massaranduba, participando de diversas solenidades.

\*

— DIA 18 — O município de Gaspar registra a passagem dos seus 120 anos de fundação, programando diversas e importantes solenidades cívicas.

\*

— DIA 19 — Foi inaugurada em Blumenau a nova agência do UNIBANCO, às 18 horas, contando com numerosa presença. O prédio da nova agência é em construção estilo característico-ornamental de construções européias.

\*

— DIA 19 — No Teatro Carlos Gomes apresentou-se o Grupo Musical “Engenho”, de Florianópolis, com o espetáculo “Vou Botar Meu Boi na Rua”, sob o auspícios do Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau.

\*

— DIA 20 — Quarenta e oito acadêmicos coloram grau, neste dia, em solenidade realizada no Grande Auditório do Teatro Carlos Gomes. Depois da solenidade, os novos acadêmicos em Ciências Jurídicas da FURB, confraternizaram-se no baile que promoveram no Clube Blumenauense de Caça e Tiro.

\*

— DIA 20 — O Coro Masculino Cultura 25 de Julho apresentou-se em Indaial, na abertura da Semana daquele Município.

\*

— DIA 20 — O Secretário de Agricultura, agrônomo Renato Beduschi, apresentou ao Prefeito Renato Vianna relatório das atividades daquela Secretaria em fevereiro. Segundo o mesmo, a Patrulha Mecanizada trabalhou com os dois tratores esteiras, 314 horas, em 18 propriedades, enquanto os micro-tratores trabalharam 697 horas em 169 propriedades rurais. Foram aplicadas 1.545 vacinas em animais de 750 propriedades, para prevenções diversas. Foram feitas 159 inseminações artificiais e o Horto Florestal distribuiu 842 mudas de árvores

ornamentais. A horta da Casa São Simeão produziu 508 quilos de verduras, 90 maços de temperos, 752 duzias de ovos e 280 quilos de banana.

\*

— DIA 21 — A Sociedade Esportiva Caça e Tiro Itoupava Norte promoveu a partir deste dia, um grande torneio interestadual de tiro ao alvo, reunindo atiradores do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

\*

— DIA 23 — No Teatro Carlos Gomes registrou-se importante reunião para a formação da Comissão Municipal do Ano Internacional da Pessoa Deficiente.

\*

— DIA 25 — às 20 horas realizou-se a Assembléia Geral Ordinária do Centro Cultural 25 de Julho para eleger sua nova Diretoria.

\*

— DIA 25 — No Teatro Carlos Gomes teve lugar o Recital de Flauta e Violão, a cargo de Norton Morozowicz e Sérgio Abreu, uma promoção da Pró Música de Blumenau.

\*

— Dia 25 — No Rio de Janeiro, o Prefeito Renato de Mello Vianna, acompanhado pelo vice Ramiro Ruediger, recebeu, em importante solenidade, às 21 hora, no Hotel Intercontinental, o "Prêmio Imprensa de Turismo" outorgado à cidade de Blumenau pelo Jornal do Comércio, Hotelnews e Associação Brasileira de Jornalistas Especializados em Turismo, como a cidade mais turística do Brasil em 1980.

\*

— DIA 26 — Foi eleito e empossado o novo Conselho Diretor da Sociedade Recreativa e Esportiva Ipiranga, para o biênio 81/83 e que tem, na sua presidência o sr. Sebastião Nelson Belli, na vice o sr. Alexandre Ieitis.

\*

— DIA 27 — O Diretor do Departamento de Serviços Urbanos da Prefeitura de Blumenau, sr. Mauro Rodrigues de Mello, pronunciou, em Brasília, palestra sobre Biodigestor Urbano, obtendo honrosa menção do I, Simpósio Brasileiro de Biogás.

\*

— DIA 30 — Foi aberto o Programa Pixinguinha, no Teatro Carlos Gomes, promoção da FUNARTE e sob os auspícios da Prefeitura de Blumenau, com a apresentação dos artistas Djavan, Fátima Guedes e Filó.

# Tipos Originais de Blumenau

(Do livro de Paul Hering — “Memórias - Aventuras e Anotações”)

## O “SCHIRMONKEL” (TIO GUARDA-CHUVA)

O seu verdadeiro nome era Hoffmann, não me recordo do prenome, mas afirmava ser parente do poeta Hoffmann von Fallersleben. Como ele era natural de Ruhleben, se intitulava Hoffmann von Ruhleben, mas em geral era conhecido com a alcunha de “Schirmonkel”. Possuía uma boa instrução escolar e pelo seu porte deve ter vivido noutros tempos, dias melhores do que aqui, onde se ocupava com o conserto de guarda-chuvas e outros pequenos serviços. Além disso possuía uma veia poética e seus escritos não eram maus, sendo em geral de cunho satírico, ocupando-se com sarcasmo da vida dos funcionários da colônia, não poupando mesmo o próprio Dr. Blumenau. Era um solteirão velho, engraçado e cheio de humor, mas não era beberão.

## O ENCADERNADOR DE BLUMENAU

Na Europa cometia-se, em geral, o erro de “despachar” para o exterior pessoas que lá criassem problemas, não se portando convenientemente, na errônea esperança de que no exterior se emendariam quando na realidade se depravavam ainda mais. Assim aconteceu com “von Altherr.” Ele havia aprendido numa casa de correção o ofício de encadernador e o exercia aqui, quando a cachaça não o impedia de trabalhar, ganhando o necessário para seu sustento. Penetra indesejável em festas de casamento, estava acostumado a ser posto no olho da rua, onde ficava deitado e fumando calmamente seu cigarro. Ele mesmo se titulava o “Encadernador de Blumenau”. Era vítima de constantes chacotas. Seu leito era um saco de palhas de milho jogado no canto de algum rancho. Suas roupas sujas e rotas. Por intervenção do consulado da Suíça, foi equipado com novas roupas e recambiado para sua terra natal onde uma considerável herança o esperava. Nunca mais se ouviu falar dele.

---

## Prefeito Renato Vianna confirma o Conselho Curador desta Fundação com apenas uma alteração

Através do Decreto nr. 1.737, do dia 24 de março último, o prefeito Renato de Mello Vianna reconduziu os srs. Conselheiros que atuaram no Conselho Curador da Fundação “Casa Dr. Blumenau” no biênio 80/81. Houve apenas uma alteração, tendo sido o vereador Beno Frederico Weiers sido substituído pelo seu colega de bancada Antônio Tillmann, por indicação daquele próprio vereador. E no dia 7 de abril corrente, os conselheiros, reunidos em sessão regular, tomaram posse dos cargos, tendo na oportunidade sido lavrada a competente ata. Durante a reunião, foram reconduzidos ao cargo de Pre-

sidente e Vice-Presidente do Conselho, respectivamente os srs. João Carlos von Hohendorf e Rolf Ehlke, cuja eleição deu-se por aclamação, antecedida de proposição feita pelo conselheiro jornalista Honorato Tomelin, que, reforçando seu parecer, disse que a permanência do advogado João Carlos von Hohendorf na presidência do Conselho era um imperativo conseqüente do admirável desempenho que vinha tendo em apoio ao trabalho da administração da Fundação e em especial pela maneira como vinha conduzindo os trabalhos de conscientização do povo e autoridades em geral para a construção do prédio tão necessário ao abrigo do valioso tesouro que Blumenau possui e que é o Arquivo Histórico.

Ainda durante aquela reunião, o Diretor Executivo da Fundação, jornalista José Gonçalves, apresentou a cada conselheiro uma cópia do Relatório que encaminhou ao Sr. Prefeito Municipal e à Câmara de Vereadores, prestando ainda outros esclarecimentos sobre a administração dos serviços internos da entidade.

O projeto arquitetônico do prédio do Arquivo Histórico foi mostrado aos Conselheiros pelo Presidente, prontificando-se cada um deles participar com o melhor de seus esforços na campanha para a obtenção de fundos para a construção da casa que abrigará, com mais segurança, o valioso quão raro acervo histórico da cidade e da região

## Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M<sup>a</sup> Vanzuita Petry)

"Registro do Requerimento de Bernardino Antonio de Sena Filho, sobre digo, morador desta vila, sobre um terreno de nove braças de terras de frente com quinze de fundos para edificar uma morada de casa fazendo frente, leste, oeste, e fundos ao sul e partindo pelo norte com o logradouro público e sul e leste com terras dos herdeiros de Joaquim Vieira Rebello.

Despacho de S. Excia. — Informe a Câmara Municipal de Porto Belo. Palácio do Governo de Santa Catarina em 18 de dezembro de 1841 — Ferreira de Brito.

Informação da Câmara Municipal — Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. Presidente. Esta Câmara tem a informar a V. Exci<sup>a</sup> que os terrenos que o Suplicante requer acham-se devolutas e estão nas circunstâncias de serem concedidas, porém V. Exci<sup>a</sup> mandará o que fôr servido. Vila de Porto Belo em sessão de 11 de janeiro de 1842

Bernardo Dias da Costa — João Corrêa Rebello — Antônio Moreira da Silva — Thomas Francisco Garcia — João Machado Airoso.

\*

Registro de Requerimento de Serafim Vieira Rebello morador nesta Vila de Porto Belo — Informação e Despacho — Requer nove

braças de terras de frente com trinta de fundos sitas na sobre dita Vila, fazendo frente leste, Oeste e fundos, Norte Sul, confrontando pelo Norte, sul e este com o logradouro público e Leste com terras dos herdeiros de Joaquim Vieira Rebelo.

\*

Despacho de S. Exci<sup>a</sup>. — Informe a Câmara Municipal de Porto Belo. Palácio do Governo de Santa Catarina em 5 de Janeiro de 1842 — Ferreira Brito.

Informação da Câmara — Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. Presidente desta Comarca, tem a informar a V. Excia. que as terras estão devolutas nas circunstâncias de serem concedidas; porém V. Exci<sup>a</sup>. mandará o que for servido. Vila de Porto Belo em sessão de 11 de janeiro de 1842. Bernardo Moreira da Silva — Thomas Francisco Garcia — João Machado Airoso.

\*

Registro da Informação dada pela Câmara em uma Petição de Francisco Antônio de Souza e seu filho Manoel Francisco de Souza, em que pede a V. Exci<sup>a</sup> uma sorte de terra no Rio de Itajaí no Ribeirão do Gaspar de 600 braças de frente.

Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Sr. Presidente da Vila de Porto Belo. A Câmara tem a informar a V. Exci<sup>a</sup> que o que o Suplicante alega na sua petição, a vista dos documentos que junto apresenta a informação do Juiz de Paz daquele Distrito e atestado do Inspetor daquele quarteirão, mostra ter todo o direito ao terreno, visto não lhe terem dado e onde fora despachado, acha esta Câmara estar o Suplicante nas circunstâncias de ser atendido; porém V. Exci<sup>a</sup>. mandará o que julgar ser justo. Porto Belo em sessão de 22 de fevereiro de 1842 — João da Cunha Bitancurt — Bernardo Dias da Costa — João Corrêa Rebelo — Thomas Francisco Garcia — João Machado Airoso.

---

### III - VALATA AZAMBUJA: a carta de Pe. Eising

Aloisius Carlos Lauth

Tópicos da carta de Pe. Antônio Eising para a Alemanha, data da, de 7 de outubro de 1902, conserva-se ainda hoje, graças a um recorte de jornal, depositado no Arquivo Histórico D. Jaime de Barros Câmara. Eis aqui sua tradução:

“... O acontecimento mais importante deste ano e o que mais alegria proporcionou a mim e a muitos dos meus paroquianos, foi a fundação de uma Casa de Misericórdia para pessoas doentes, idosas, indigentes e abandonadas.

Só quem conhece a extrema pobreza de muitos dos meus paroquianos é que sabe avaliar sua necessidade. O primeiro doente que recebemos era um ancião de 83 anos. Acheio-o num paiol sem paredes,



deitado em cima de palha com uma coberta insuficiente. A este logó mais seguiram outros aos quais a fome mostrara o caminho para o novo Hospital.

Temos também alguns cegos, três mulheres que sofrem de câncer, um demente que com seus 34 anos de idade tem de ser servido em tudo, como se fora uma criança... Ao todo já são vinte. Estão muito satisfeitos de poderem saciar sua fome e de serem tratados por caridade e com muito carinho pelas quatro Irmãs da Divina Providência.

“O que fizerdes a um destes pequeninos, a mim o fizestes”: estas palavras de Nosso Senhor estão profundamente gravadas no coração de muitos bons paroquianos. É comovente ver como quanto espírito de sacrifício, mesmo os que são pobres, mas que tem saúde, auxiliam os doentes necessitados. O que no suor de seu rosto granjearam dos seus campos cultivados, como milho, mandioca, café, e também carne, galinhas, manteiga, tudo o que serve para o sustento, repartem-no de bom grado com os pobres e doentes, como se fossem seus próprios filhos.

Eis aí o capital com que contamos, ao fundarmos esta instituição: seu fundo é a caridade cristã nos corações dos meus paroquianos. Eles dizem com São Pedro: “Ouro e prata não temos, mas o que temos, damo-lo de bom coração...”

Outra fonte de auxílio é a misericórdia da Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus. Junto de sua “Capela Miraculosa” (Gnaden-Kappelle), em Azambuja, meia hora afastado de Brusque, é que fizemos o Hospital. Numerosos grupos de piedosos peregrinos convenceram-se de que nunca se ouviu dizer que alguém recorresse a Nossa Senhora de Azambuja e fosse desamparado. Por isso atiram de bom grado o último vintém, embora tivesse sido alcançado por esmola, depositando-o aos pés de Nossa Senhora na caixa de ofertas. Fazem-no ou como sinal de gratidão, pagando uma promessa, para implorar uma graça da Mãe de Misericórdia.

E é para obras de misericórdia que se aplicam tais ofertas, contentando-se assim certamente a Mãe de Deus que por sua parte corresponderá também com sempre novos favores. Também com tais ofertas compramos as propriedades que de ambos os lados do caminho circundam a “Capela Miraculosa”, para em suas casas e paióis abrirmos nossos Hospital.

Portanto, devemos tudo a Nossa Senhora. Ela, assim confiamos, cuidará também que seus filhos possam saldar as dívidas, e que não falte no futuro o “pão de cada dia”. Por sua intercessão fomos sempre tão prontamente atendidos pela Divina Providência. Ademais, nós “nos esticamos conforme a coberta”: quanto mais adjutório vem, tanto mais alargamos nossas obras de misericórdia...”

A carta fala por si, de forma singela a dedicação dos padres e das irmãs religiosas nos afazeres; fala da pobreza da região e ajuda dos alemães e italianos; e, acima de tudo, expressa a confiança no futuro que estava na veneração de Marie-Half.

## *A opinião dos que nos visitam*

— Quando una ciudad hace este museo para recordar su pasado y su ton querido fundador admiramos a sus ciudadanos y a la beleza de la ciudad de Blumenau. — Família Osés — Montevideu — Uruguai.

\*

— Eu penso que este Museu da Família Colonial é um coração da cidade. Com o nascer da cultura a influência foi genial. Os alemães e seus descendentes devem a preservação deste, que sinceramente é uma arte muito bacana. — Antonio Carlos Vieira — Santo André — São Paulo.

\*

— Este Museu da Família Colonial é mais um que nos faz voltar ao passado e ver como eram, como viviam os primeiros colonos, os primeiros imigrantes. Era bom que mais evidências pudessem aparecer e termos uma visão melhor do nosso passado. — Joel — Santo André — SP.

\*

— Algo de muito valor que deve ser preservado e admirado. — Bárbara R. Halanz — São Paulo

\*

— Um acervo maravilhoso, muito bem cuidado e que leva o nosso coração aos idos dos tempos, quando tudo tinha um valor diferente. — Elza Carla de Moraes — PY2-DHP — Itanhaém — SP.

\*

— Eu achei o Museu muito legal e interessante. Mas o que deu mais peninha foi o Cemitério de Gatos. — Danilo H. D. — São Paulo.

\*

— Achei tudo muito lindo também. Mas, amei o Dr. Hermann Otto Blumenau. Para mim ele é imortal. — Luzy Martins da Costa — M. G.

\*

— Parabéns pelo magnífico trabalho de reconstituição. O Brasil deve muito a seus pioneiros e principalmente ao Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau que confiou e idealizou uma nova pátria para seus conterrâneos. Edevaldo Cavale Jardim — Belo Horizonte.

\*

— Este Museu é uma volta ao passado com sentimento de carinho. — Spency Cunha — MG.

\*

— Vim de longe para passear e vi como é bonito todo o Blumenau e sua belíssima história. — Maria Cecília — Belo Horizonte MG.

\*

— Interessante é a palavra adequada pela tão completa preservação de tão fascinantes objetos de artes. Silvia Busarello - Blumenau

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972  
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74  
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425  
89100 B L U M E N A U Santa Catarina  
Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;  
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

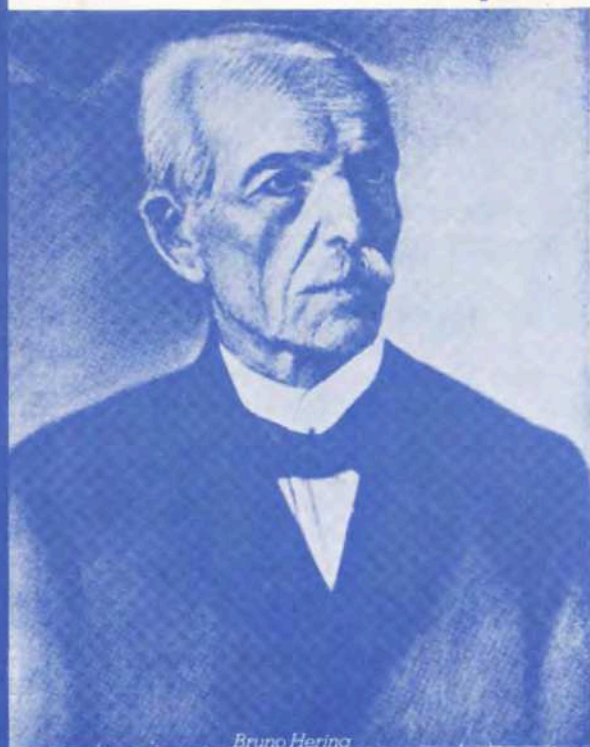
Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

## Apresentamos os dois peixinhos da Hering.



Bruno Hering



Hermann Hering

### Eles estão fazendo 100 anos.



No ano de 1880, em Blumenau, os irmãos Bruno e Hermann fizeram uma malha de algodão confortável, macia e muito resistente. Desenharam nela um símbolo com dois peixinhos: dois arenques - hering, em alemão.

Em pouco tempo, o pessoal da região estava pedindo as malhas dos irmãos Hering. Eles haviam descoberto que aquelas malhas eram ideais para o clima do país e agüentavam firme o trabalho duro no campo.

100 anos depois, a etiqueta dos dois peixinhos está por aí vestindo todo mundo. Virou moda e foi adotada pela juventude.

É verdade que para conquistar este lugar foi preciso atravessar um século difícil. Muitas vezes os peixinhos tiveram que nadar contra a corrente, enfrentando crises que pareciam insuperáveis, mas que, num balanço final, só conseguiram provocar uma coisa: soluções.

Outra verdade é que os primeiros 100 anos são os mais difíceis.

E hoje é o primeiro dia do centenário da Hering. Nós achamos que esta data merece ser comemorada.

Senhoras e senhores, com vocês, uma idéia que está dando certo há 100 anos: malhas Hering. Sutra 1880.

**CIA Hering**   
BLUMENAU - SANTA CATARINA



1980 - Ano do Centenário da Hering.